

Projeto Experimental em JORNALISMO

Universidade Federal Fluminense

Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS)

Curso de Comunicação Social

A LUTA DAS MULHERES CONTRA O MACHISMO E O ASSÉDIO NO FUTEBOL

Projeto Experimental apresentado por Anna Beatriz Lima da Silva (matrícula nº 214030143) como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo – sob a orientação do professor Márcio Castilho

Niterói

Julho/2019

IACS/UFF

RESUMO

As mulheres estão ganhando cada vez mais espaço no futebol que ainda é um ambiente majoritariamente masculino e machista. Neste trabalho mostro como um movimento de jornalistas pelo respeito ao exercício da profissão inspirou mulheres a lutarem pelos seus direitos na arquibancada. E como as torcedoras estão lutando contra o assédio e o machismo nos estádios. Através de entrevistas com torcedoras, jornalistas, clubes e políticas abordo diferentes questões relacionadas às mulheres e o ambiente do futebol. Também apresento uma observação sobre a participação feminina nos estádios do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: torcedoras, torcida feminina, assédio, machismo

SUMÁRIO

A união de torcedoras nas arquibancadas e nas redes sociais contra o machismo e o assédio no futebol	3
A construção do sujeito torcedor.....	3
A participação feminina nos estádios	5
O machismo na própria torcida	8
O movimento das mulheres contra o assédio	10
O que fazer quando acontece um caso de assédio no estádio?	13
O que os clubes estão fazendo para combater o machismo e o assédio no futebol?	15
Um exemplo a ser seguido.....	21
O papel das autoridades	22

A união de torcedoras nas arquibancadas e nas redes sociais contra o machismo e o assédio no futebol

Ana Freire, jornalista, 27 anos e Andressa Eulália, estudante de Serviço Social, 21, são amigas e torcedoras do Vasco. As duas participam de movimentos que combatem o assédio e o machismo no futebol. Todos os dias um de seus grupos no Whatsapp recebe mensagens de outras torcedoras relatando casos de assédio e machismo. Uma dessas mensagens se tornou uma palavra de ordem para Ana. “Toda dor vai se transformar em luta”. Após compartilhar um relato sobre algo que aconteceu com ela, a torcedora passou a carregar esse lema e tem buscado transformar a sua dor e a de suas amigas torcedoras em luta. Luta pelo seu espaço na arquibancada. Luta contra o preconceito que as mulheres sofrem no futebol. Luta contra o assédio.

A trajetória das duas torcedoras é parecida. Ana é de Brasília e Andressa, de Vitória, Espírito Santo. Por torcerem por um time de fora de sua cidade natal, elas tiveram seus conhecimentos e os sentimentos pelo clube subestimados. A partir do momento em que começaram a frequentar os jogos do time no Rio de Janeiro e perceberam que o assédio era muito mais comum do que imaginavam, elas decidiram transformar a indignação em ação. E como combater o machismo e assédio no futebol? Organizar-se coletivamente em um espaço em que não são maioria. Para elas, isso fortalece a luta e mostra que elas não estão sozinhas.

Assim como as cruzmaltinas, a torcedora alvinegra Larissa Marques, 20, estudante de Serviço Social integra um grupo de torcedoras mulheres da torcida organizada Fúria Jovem Botafogo. Ela e suas amigas também lutam contra o machismo na sua torcida.

Em 2018, grupos de torcedoras que lutam e discutem sobre machismo e assédio no futebol ganharam destaque na mídia e nas arquibancadas por conta dos debates levantados na Copa da Rússia e de episódios de assédio as profissionais da imprensa durante a cobertura de jogos nos estádios.

A construção do sujeito torcedor

Uma vez ouvi de uma torcedora que o comportamento machista e os preconceitos proferidos em um estádio de futebol eram um reflexo do comportamento machista da

sociedade, que os torcedores reproduziam seus preconceitos através de cantos e atitudes e ninguém questionava, pois faziam parte da cultura do futebol. Segundo o antropólogo Roberto DaMatta em *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*, o futebol é uma expressão da sociedade: “o futebol, praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se”.

O machismo no futebol começa muito antes de uma ida ao estádio. Ainda na infância, há uma diferenciação entre os esportes que uma menina e um menino devem praticar. Os meninos são incentivados a acompanhar futebol; já para as meninas são sugeridas atividades como balé e ginástica olímpica. A construção dos gostos esportivos também passa por uma pré-definição de gênero.

Todo apaixonado por futebol tem um time do coração. E como é feita a escolha para qual time torcer? Geralmente, torcer para determinado time é uma herança familiar. Você torce para um time porque o seu pai, o seu avô, o seu tio, alguém te levou a torcer por esse time. Ou então, uma ida ao estádio, um jogo marcante ou um jogador que admira fazem com que você escolha um time de futebol para acompanhar. Na maioria dos casos, a nossa referência é masculina.

Quando escolhemos um time para torcer e começamos a acompanhá-lo, sempre recebemos olhares de surpresa e ouvimos os mesmos questionamentos com viés machista. “Você sabe o que é impedimento?” “Me fala a escalação do time campeão da taça Guanabara de 1945?” “Só assiste futebol pra ver os jogadores bonitos”.

Quando se percebe que você entende mesmo do assunto, a reação é de surpresa, como se fosse uma "coisa de outro mundo" uma mulher gostar e entender de futebol. Gustavo Bandeira e Fernando Seffner, doutores em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), produziram o estudo “Representações sobre mulheres no estádio de futebol”. O trabalho aponta que o homem é sempre o parâmetro para medir o nível de conhecimento esportivo de uma mulher. “Os conhecimentos femininos no futebol são marcados e hierarquizados na comparação com os homens. As mulheres que entendem de futebol, entendem tanto quanto eles ou ao mesmo quase tanto.”, explicam.

Para ser uma torcedora de verdade, na mentalidade masculina, você tem que provar que conhece tudo sobre o time e sabe todas as regras do jogo. Isso é uma coisa com a qual as torcedoras convivem o tempo todo e que já estão cansadas de ouvir.

Andressa, integrante do grupo Vascaínas Contra o Assédio, afirma que já passou dessa fase e acredita que a mulher não é obrigada a responder e saber tudo sobre o assunto. “A gente não é obrigada a falar nada. Se você não sabe o que impedimento, continue indo para o estádio que um dia você vai entender.”

Depois de acompanhar os jogos pela televisão, surge a vontade de assistir a um jogo ao vivo. Troca-se o sofá pela arquibancada. A experiência de ver um jogo no estádio não se compara a nenhum outro tipo de experiência. Você está ali rodeado de pessoas de cores, classes e credos diferentes, mas unidos em prol de um único objetivo: apoiar o seu time do coração.

Mas para torcedoras mulheres essa pode não ser uma experiência 100% positiva. Começa desde os olhares, os comentários com conotação sexual e até no momento em que deveria ser o ápice da felicidade de um torcedor, o momento do gol. Muitas torcedoras relatam terem sido tocadas sem o seu consentimento por homens que se aproveitam do momento.

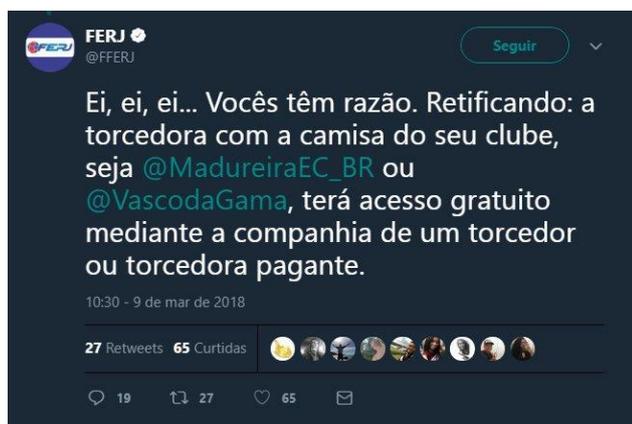
A estudante de Fisioterapia Aline Medeiros conta que já foi assediada. “Uma vez estava indo pro Maracanã, me distraí e peguei o ônibus errado. Encontrei um grupo de torcedores e torcedoras e fui com eles até o Maracanã. Um dos caras cismou comigo. As meninas foram para outro caminho e ele veio atrás de mim. Ele estava sozinho. Eu encontrei mais duas amigas e ele continuava atrás de mim. Pediu meu telefone e eu disse que não o conhecia. Aí no intervalo, eu tive que mudar de lugar pra ver se ele largava e eu consegui. Péssimo”.

Após o ocorrido, Aline parou de frequentar jogos do time por um tempo: “Fiquei muito tempo sem ir depois que isso aconteceu. E depois só fui com companhias masculinas”.

A participação feminina nos estádios

Em uma das partidas que fui para observar, Botafogo x Grêmio no Estádio Nilton Santos, na Zona Norte do Rio de Janeiro, o clube fez uma promoção. Era dia dos namorados. As torcedoras que fossem ao jogo vestindo a camisa do time teriam entrada gratuita no estádio. De fato, havia muitas mulheres uniformizadas naquele jogo.

Essa prática de oferecer gratuidade a mulheres no estádio já aconteceu outras vezes no Rio de Janeiro e em outras cidades. Mas por exemplo, em uma partida do campeonato carioca a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FFERJ) ofereceu ingressos a torcedoras, mas, a mensagem divulgada no site da federação informava que as primeiras mil mulheres que chegassem ao estádio com a camisa do seu time – na ocasião, Vasco ou Madureira – e fossem acompanhadas de um homem teriam entrada gratuita. Isso em pleno Dia Internacional da Mulher. A ação teve repercussão negativa entre as torcedoras nas redes sociais, e a FFERJ procurou se retratar no Twitter:



Andressa relembrou o caso em sua participação no Entrelinhas, na UFF, evento produzido por alunos de Comunicação Social da casa e realizado em outubro de 2018 no Instituto de Arte e Comunicação. O evento reuniu diversos profissionais ligados ao esporte, movimentos de torcedores e alunos para discutir temas como assédio no futebol, grandes coberturas esportivas, produção de conteúdo digital, marketing esportivo, entre outros assuntos:

“Foi no jogo do Vasco isso, cara. A gente foi pra cima na rede social. Tipo, que merda é essa? Por que eu tenho que levar um homem para poder estar no jogo? Não, eu vou com minhas amigas de bonde. A gente foi pra cima. E não foram uma, duas mulheres, foram milhares de mulheres respondendo ao tweet da FFERJ. Aí, rapidamente, eles mandaram uma errata: 'não, não é só homem não. Pode ser uma mulher também. Na verdade, é um

acompanhante' Só que no acompanhante estava 'um' acompanhante, no masculino. Se gente não questionasse, ia passar de forma naturalizada. É aí que entra a necessidade da gente sempre se manifestar contra as coisas que a gente não concorda de forma coletiva. Só assim gera algum efeito.”

Observando o público presente nos jogos dos quatro grandes clubes do Rio Janeiro, chamou-me a atenção imediatamente ao me posicionar na arquibancada para assistir à partida entre Vasco x Ceará, válida pelo Campeonato Brasileiro, no dia 13 de Junho, que em São Januário a diferença é gritante: a presença masculina é muito superior à feminina. Quando o jogo terminou, perguntei a uma torcedora se era impressão minha ou existia uma diferença muito grande na quantidade de mulheres presentes no estádio em relação à quantidade de homens. Ela me respondeu que já tinha reparado nisso e que, em jogos no meio da semana, essa diferença fica mais visível. Nos fins de semana, segundo ela, essa desproporção diminui. Ela consegue perceber mais mulheres presentes no estádio, mas ainda em número inferior ao de homens. O jogo em questão aconteceu numa quarta-feira, às 19h15. Por morar próximo ao estádio e geralmente passar no meio da torcida que está fazendo concentração nas ruas no entorno, já tinha percebido isso, mas observando no interior do estádio ficou mais clara essa diferença.

No Nilton Santos, apesar da promoção de Dia dos Namorados, o número de mulheres no estádio foi bem equilibrado. Entre os quatro grandes clubes do Rio, o único time que não consegui acompanhar uma partida foi o Fluminense, mas segundo a jornalista Cris Dissat, do Blog Fim de Jogo, que acompanha o entorno dos estádios e também o que acontece lá dentro, os públicos de Botafogo e Fluminense são bem parecidos, tanto em comportamento quanto ao número de mulheres presentes no estádio. Já nos jogos do Flamengo, que geralmente tem um público superior aos demais, o número de mulheres presentes no Maracanã costuma ser muito equilibrado.

Para os autores do estudo sobre “Representações das mulheres no estádio de futebol”, o aumento no público feminino faz parte do processo de modernização e elitização dos estádios, agora denominados “arenas”. “Existe certo investimento para que as mulheres passem a frequentar mais esse espaço. (...) Mas esse aumento não significa uma imediata alteração nas construções generificadas que acontecem nesse contexto cultural específico.”, explicam.

Muitas torcedoras deixam de ir aos estádios por causa do ambiente e pelo medo de estarem sozinhas. É o caso da Mayara Santos, 23, estudante de Engenharia de Produção que é torcedora do Flamengo e frequentadora assídua do Maracanã. Ela está presente em todos os jogos do time, mas nunca teve a experiência de ir por conta própria ao estádio. Ela sempre vai acompanhada da família ou do namorado.

Aline conta que nunca ficou sozinha no estádio – ela não gosta de estar nessa posição em nenhuma ocasião – mas também não se sente confortável para assistir um jogo sem companhia no estádio. Ela costuma encontrar os amigos lá. Mesmo tendo muita vontade de ir aos jogos, ela prefere não ir sozinha.

O machismo na própria torcida

As torcidas organizadas são responsáveis por puxar os cantos, tocar instrumentos, criar músicas, balançar as bandeiras e incentivar os outros torcedores a fazer uma festa para apoiar o seu time do coração. Esses grupos são predominantemente dominados por homens. Alguns deles não aceitam a participação das mulheres no meio das organizadas.

“O Canil Feminino em si não é aceito por muitos da torcida, por ser um canil só de mulheres. Eu já ouvi gente falando que não consegue entender o que mulher faz no meio da torcida, que isso não deveria existir. Por mais bizarro que seja ou até mesmo repetitivo, já ouvi muito aquele tipo de comentário que só tá na torcida por causa de macho.”, conta a estudante de Serviço Social e integrante do grupo Canil Feminino Larissa Marques. O Canil Feminino é grupo de mulheres torcedoras do Botafogo que faz parte da torcida organizada Fúria Jovem Botafogo. Outra integrante do grupo afirma que não se sente respeitada enquanto frequentadora de estádios: “só sou respeitada se eu estiver acompanhada do meu pai, irmão ou algum outro homem. De certa forma, eles respeitam outro homem e não a mim como torcedora igual a qualquer um que está ali”.

No jogo Botafogo x Grêmio havia uma pequena torcida organizada do time alvinegro no setor onde eu estava. Bem atrás do gol. Fiquei observando para ver se tinha mulheres nessa torcida, mas só avistei algumas na parte superior, atrás dos homens cantando e batendo palmas. Quando se aproximava do intervalo, consegui enxergar uma mulher meio escondida tocando na bateria. Era a torcedora alvinegra Nathália Teixeira, 33 anos e frequentadora assídua dos jogos do Fogão. Ela conta que vai aos jogos do time

desde que nasceu. Nesse dia ela estava acompanhada da mãe, que estava na parte inferior, mais perto do campo.

Nathália faz parte da torcida organizada Resistência Popular Alvinegra há 9 anos, desde a sua fundação. Seu irmão é um dos fundadores do grupo. Ela relata que no seu grupo não há nenhuma proibição para mulheres tocarem instrumento e "bandeirar". Ela também conta que começou a tocar instrumentos porque não havia membros suficientes com a função na torcida. Larissa Marques, integrante de outro grupo afirma que realmente acontece de as mulheres serem proibidas de tocar instrumento e portar bandeira, mas no Canil Feminino isso não acontece. "Isso costuma acontecer realmente, mas na minha torcida até que não rola. Temos liberdade para 'bandeirar' e tocar os instrumentos. Essa atual diretoria abraça bastante o Canil Feminino. Então já é um avanço, né?".

Outra questão levantada por torcedoras integrantes de torcida organizada é a dos famosos "jogos de guerra". Um jogo de guerra acontece em outro estado contra um time que não é seu aliado. Além de adversários, algumas torcidas são "amigas". Por exemplo, a torcida do Vasco é amiga da torcida do Palmeiras e do Atlético Mineiro. Então quando o time do Rio joga em São Paulo e Minas Gerais, as "guerras" são contra os clubes rivais dos times aliados, Corinthians e Cruzeiro, respectivamente.

As torcidas organizadas viajam para acompanhar os seus times em outros estados. São as caravanas. O grupo Vascaínas Contra o Assédio conta que a possibilidade de as torcedoras mulheres irem nessas caravanas é uma conquista recente. Elas chegaram a ouvir dos homens que "caravana não é uma colônia de férias para mulheres e crianças irem" e que eles não se responsabilizariam se alguma coisa acontecesse com elas.

As torcedoras Larissa Marques do Canil Feminino e Nathália Teixeira da Resistência Popular Alvinegra afirmam que nunca foram proibidas de participar das caravanas, mas são alertadas do perigo que correm ao participar. A pior parte, para elas, é o tratamento que os torcedores de fora recebem nos estádios rivais enquanto, no Rio de Janeiro, a polícia e os organizadores dos jogos tratam os visitantes muito bem. Se já é complicado estar em um ambiente desfavorável, imagina ser mulher nessa situação? A revista é sempre constrangedora. "A gente é tratada muito mal fora do Rio", conta a torcedora Nathália.

O movimento das mulheres contra o assédio

Os últimos dois anos foram importantes para as mulheres porque o debate sobre assédio e machismo teve proporção muito grande no mundo inteiro. Em 2017, o #MeToo, movimento das atrizes que denunciaram o assédio em Hollywood, motivou outras mulheres famosas e não famosas a denunciarem abuso sexual, mostrando que elas não estão sozinhas e não precisam mais se calar.

No Brasil, o episódio que motivou as jornalistas a pedirem respeito no ambiente de trabalho foi quando a repórter Bruna Deltry, do Esporte Interativo, foi beijada sem consentimento por um torcedor vascaíno enquanto fazia um link ao vivo nos arredores de São Januário. O caso teve grande repercussão e uniu jornalistas mulheres de diversos veículos em uma campanha chamada #DeixaElaTrabalhar.

Elas se reuniram em um grupo de WhatsApp com mais de 70 colegas. Nas redes sociais, elas divulgaram um vídeo no qual aparecem chamadas de matérias relatando assédio e machismo contra jornalistas, comentários machistas nas redes sociais, o vídeo do momento em que Bruna é beijada e outras jornalistas em situações parecidas, sendo ofendidas verbalmente por torcedores nas arquibancadas. No vídeo, elas pedem o respeito de colegas de trabalho nas redações, de dirigentes, jogadores e torcedores nos estádios.



(Foto: Reprodução/Facebook)

Ana Hissa trabalha com UFC no canal Combate, mas participa do vídeo em apoio às colegas. Ela conta que a intenção era fazer um vídeo marcante e direto. “A gente tinha muito essa preocupação no vídeo. Que ele fosse impactar quem estivesse assistindo.”

Domitila Becker, apresentadora do programa *É Gol!*, do SporTV, participou ao lado de Ana Hissa da mesa de debate “A Mulher no Esporte” no evento *Entrelinhas* na UFF e comentou que a campanha foi importante para o momento atual e que agora nos é permitido se indignar com os comentários machistas e tentar mudar essa realidade. “Quando eu entrei no mercado, a gente não podia se indignar com isso. Piadinhas de cunho sexual eram uma coisa que você tinha que suportar como mulher. Fazia parte. Você escuta isso a vida inteira. Você abaixa a cabeça, dá risada, faz piada com isso. Quando eu voltei (de um período sabático fora do país), você podia falar não, isso não é legal. E acho que essa é a principal diferença. Você também pode se indignar com alguém que tá passando dos limites com uma amiga sua, com sua irmã, sua prima. E a gente como mulher também tem esse direito.”

O movimento #DeixaElaTrabalhar inspirou torcedoras a lutarem pelo direito de torcer pelo seu time do coração sem serem assediadas por um homem ou sofrerem machismo no estádio.

O grupo Mulheres de Arquibancada se inspirou na hashtag #DeixaElaTrabalhar e lançou a campanha #DeixaElaTorcer. A ação repercutiu entre torcedoras do país inteiro. Elas levaram faixas para o estádio com mensagens contra o assédio e o machismo. Ana Freire, uma das integrantes do grupo, acredita que a internet é um meio de propagação de ideias. O objetivo da campanha é conscientizar homens e mulheres do machismo que infelizmente está enraizado. “A importância de lançar essa hashtag #DeixaElaTorcer é pra levar realmente essa mensagem para as pessoas, principalmente para os homens. Não existe homem que não é machista. Mulher também infelizmente pratica o machismo. Muitas vezes porque é uma coisa enraizada, é uma cultura. Mas vários estão em período de desconstrução. O nosso trabalho no movimento é desconstruir a cabeça das pessoas e fazer com que elas entendam que o movimento não é vitimismo nem mimimi”, explica.



(Foto: Reprodução/Facebook)

O grupo promove encontros nacionais que reúnem torcedoras de vários times do Brasil. Em agosto de 2018 foi realizado, em Fortaleza, o segundo encontro do Mulheres de Arribancada. O evento mobilizou mais de 300 torcedoras para discutir assuntos não só relacionados ao futebol. Políticas públicas para mulheres e o futebol feminino também foram temas abordados no encontro.

Um dos debates envolveu uma reclamação comum entre torcedoras que costumam frequentar jogos à noite. Os horários dos jogos, principalmente, no meio da semana, começam muito tarde, geralmente 21h45, e terminam quase meia noite. Para torcedoras que moram longe do estádio, a volta para casa é muito complicada. Ana acredita que os clubes deveriam se unir para rever os horários das transmissões dos jogos. “Não é possível sair de São Januário meia noite e ir para a Avenida Brasil pegar um ônibus que não para pra gente. E eu falo a gente porque eu penso nas minhas amigas. Eu moro em Vila Isabel, eu não preciso ir para a Avenida Brasil. A minha amiga mora em Niterói. Como ela vai embora meia noite depois de um jogo em São Januário? Não é seguro.”

Larissa Marques também mora em Niterói, mas é torcedora do Botafogo e costuma frequentar os jogos do time no Estádio Nilton Santos, no Engenho de Dentro. O trajeto Niterói-Nilton Santos é um pouco mais complicado que Niterói-São Januário. “É uma distância boa, né? Jogo muito tarde, tipo 21h45, eu soffro porque na volta não costuma ter ônibus. Se eu der sorte, eu consigo pegar o último”, conta Larissa.

Outro grupo inspirado no movimento das jornalistas foi o Vascaínas contra o Assédio. As cruzmaltinas já tinham o desejo de se organizar dentro da própria torcida pelo histórico de lutas contra a desigualdade que o seu time sempre carregou.

O Vasco foi um dos primeiros clubes a incluir jogadores negros no seu plantel. Em 1923, a equipe sagrou-se campeã carioca com um time cheio de jogadores negros e operários. Os times de elite do Rio fundaram a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA) impondo restrições com o objetivo de não permitir a participação de trabalhadores e negros na competição, o que era a maior parte da equipe cruzmaltina. No ano seguinte, o Vasco foi convidado a participar da AMEA, mas com a condição de que dispensasse 12 de seus jogadores, todos eles negros e operários. O clube recusou, por meio de uma carta histórica, se juntar a associação por não aceitar tal discriminação.

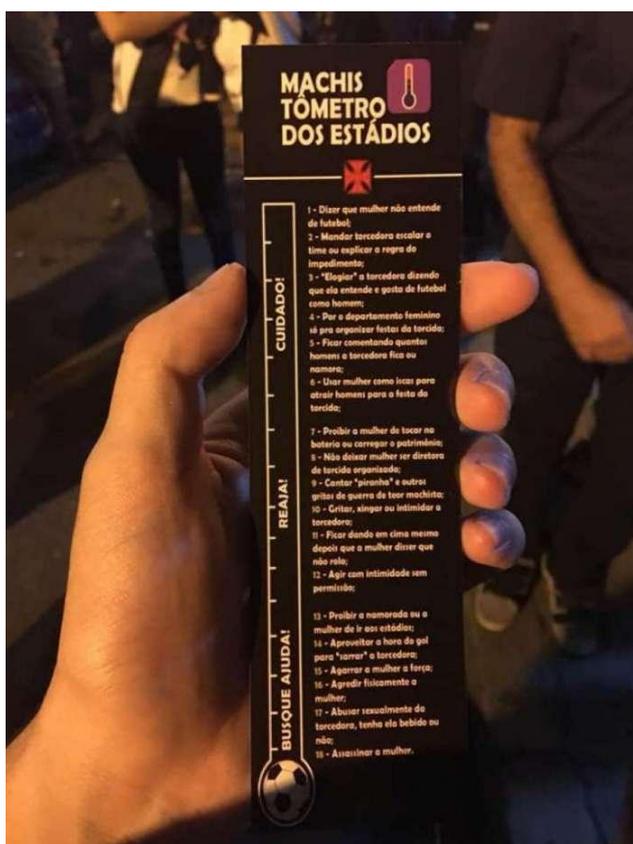
Dois episódios foram chaves para a criação do grupo. O caso da repórter Bruna Deltry, que aconteceu durante um jogo do Vasco, e o caso de uma das assessoras do clube, Sarah Borborema, que foi ofendida verbalmente e assediada em um jogo da equipe sub-20 do Vasco contra o Fluminense no estádio das Laranjeiras. “Nós ficamos devastadas, mas a gente tentou pegar essa indignação e transformar em alguma coisa”, relata Andressa.

Sarah, participou da primeira reunião do Vascaínas contra o Assédio e compartilhou a sua história. O momento, segundo Andressa, foi muito marcante porque o grupo pôde dar apoio coletivo à assessora.

O coletivo faz reuniões para planejar ações no estádio. Essas ações podem ser em relação ao assédio ou machismo, mas também outras campanhas, por exemplo contra o câncer de mama a fim de conscientizar mulheres a fazer o exame.

O que fazer quando acontece um caso de assédio no estádio?

Um dos meios que trouxe bastante visibilidade para o grupo de vascaínas foi a criação do Machistômetro. Ele foi inspirado pela cartilha de mesmo nome idealizado pela jornalista e mestre em Políticas Públicas Manuela D'Ávila no período em que exercia o mandato de deputada federal pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB-RS), no Rio Grande do Sul. A torcedora rubro-negra Kiti Abreu adaptou o material com frases machistas que as torcedoras costumam ouvir nos estádios e situações frequentes que acontecem no ambiente do futebol para o Mulheres de Arquibancada. As cruzmaltinas adaptaram então o layout.



(Foto: Reprodução/Netvasco)

O Machistômetro é um termômetro em formato de marcador de livro. Ele possui três categorias: "cuidado", "reaja" e "busque ajuda". Frases como “mulher não entende de futebol”, “o que é impedimento?” e “você sabe a escalação do time de 1900 e bolinhas?” são um alerta de que a torcedora está sofrendo machismo e se encaixa na categoria "cuidado". Gritar, xingar e intimidar torcedoras, além de entoar cânticos machistas, são um chamado para que as torcedoras "reajam" e não aceitem esse tipo de coisa. E o "peça ajuda" envolve casos mais graves como agressão física, aproveitar o momento do gol para

assediar uma torcedora e até assédio sexual. Essa categoria já não é mais um alerta; as torcedoras devem pedir ajuda a outras torcedoras e se dirigir às autoridades competentes para fazer uma denúncia.

O estádio é um ambiente predominantemente masculino. Os relatos de torcedoras que sofrem assédio e machismo são frequentes. O assédio não é só físico. Ele muitas vezes é velado. É um olhar malicioso, um comentário machista sobre a presença da mulher no estádio ou sobre o simples fato dela gostar e entender muito de futebol.

Em um jogo em São Januário, percebi que um segurança que estava na grade do campo olhava para toda mulher que passava pelo corredor entre o campo e a arquibancada e fazia comentários com um torcedor, também homem que estava ao lado.

Infelizmente a situação é comum em outros lugares, como relata a torcedora botafoguense Larissa: “O Canil fez um short-saia lindo, e a primeira vez que usamos foi algo surreal: muitos olhares de machos como se fôssemos um pedaço de carne.”, conta ela.

O sentimento de impotência e a vontade de dar uma resposta imediata a um comentário machista ou a uma situação na qual alguma menina está sendo assediada são compartilhados por torcedoras de todos os times. Elas procuram ouvir os relatos e acolher as vítimas. “Recentemente teve um caso de assédio com uma das nossas meninas. O apoio que damos uma para outra é fundamental. É muito importante sabermos que não somos culpadas de nada disso e temos pessoas do nosso lado que não vão nos julgar e vão lutar por respeito conosco”, desabafa uma delas.

O que os clubes estão fazendo para combater o assédio e o machismo?

A maioria dos clubes não tem um departamento específico que formule debates e ações que possam ajudar a combater o machismo e o assédio nos estádios. Flamengo e Fluminense fazem campanhas nas redes sociais como forma de incentivar ou apoiar a causa. As ações acontecem em datas comemorativas com o Dia Internacional da Mulher e o Dia das Mães.

O Flamengo, por exemplo, clube de maior torcida e atualmente um dos administradores do Maracanã, não utiliza os recursos que tem ao seu dispor. A assessoria

do clube afirmou que faz ações pontuais através da comunicação (redes sociais) e não tem um departamento ou pessoa específica na função de produzir campanhas contra assédio e machismo.

Em 2017, o clube lançou uma camisa em parceria com a fornecedora de material esportivo Adidas. Em entrevista a ESPN, o então vice-presidente Daniel Orlean explicou o objetivo desta homenagem: "O mês de março é um mês no qual a luta das mulheres por seu espaço de direito na sociedade não é apenas lembrada – porque nunca deve ser esquecida – mas intensificada, de várias maneiras. E em homenagem a essa mulher, que tem o direito de ir aos estádios, tem direito ao seu espaço no mercado de trabalho e que tem o direito de ir e vir sem sofrer qualquer tipo de violência, o Flamengo e a adidas lançam essa campanha – criada por mulheres, para mulheres".

Nas redes sociais, foi lançada a campanha #VemProEstádio #MaisMulherNoEstádio com torcedoras anônimas, famosas e influenciadoras. O vídeo divulgado nas redes também foi reproduzido nos telões do Maracanã durante os jogos do time, e as fotos de torcedoras que usavam a hashtag #MaisMulherNoEstádio também aparecia no telão. Na época, o clube publicou um manifesto na página do Facebook e do Instagram prometendo criar mais produtos voltados às mulheres. Disponibilizou também um e-mail para que as torcedoras enviassem sugestões.



Clube de Regatas do Flamengo

8 de março de 2017

Isso aqui não é Dia da Mulher.

No Flamengo, a gente acredita que pensar em igualdade feminina não é coisa pra se fazer em um dia só. A gente precisa pensar e agir todos os dias. Por isso, o Flamengo começa hoje uma série de ações para as mulheres estarem cada vez mais presentes na nossa torcida e nos estádios. É o movimento #MaisMulherNoEstádio.

Lugar de mulher é na arquibancada.

O Flamengo é um clube democrático. Flamenguista não tem gênero nem raça. Aliás, raça tem sim. Dentro do campo. A nossa torcida é uma família. Então, nada mais justo do que ter todos os integrantes juntos nos estádios.

Lugar de mulher é no campo.

O Flamengo é um dos poucos times com uma equipe feminina de futebol, o Flamengo/Marinha. Isso sem falar em outros esportes. Seja na terra, seja no mar.

Lugar de mulher é onde ela quiser.

Por isso, a gente quer mais.

Quer criar mais produtos e parcerias pensados para mulheres, e por mulheres. Gerar mudanças nos serviços e ofertas do programa sócio-torcedor. Trazer novas soluções para melhorar o acesso e a presença das mulheres nos estádios.

E, por trás dessas ideias, tem um time de mulheres trabalhando duro para fazer isso acontecer. Mas, quanto mais gente participar, mais verdadeiras serão essas mudanças. Por isso, estamos abrindo um canal para receber dicas e sugestões das nossas torcedoras. O maismulhernoestadio@flamengo.com.br.

Então, vem com a gente. Vamos lotar nossas arquibancadas de rubro-negras e mostrar toda a força da nossa torcida. A força de uma torcida por inteiro.

Mais mulher no estádio. Isso aqui é Flamengo.

(Foto: Reprodução/Facebook)

A parceria que o clube fez com as atletas da Marinha para disputar o Campeonato Brasileiro Feminino com a camisa do Flamengo em 2015 continua até hoje e a equipe foi campeã nacional em 2016, mas a promessa de mais produtos voltados para mulheres não foi cumprida. Se você abrir o site da fornecedora da própria Adidas, só vai encontrar a camisa número um e número dois de jogo e artigos unissex como bonés, meias e bolsas. Enquanto na parte masculina, há diversas opções de itens de vestuário casual, casacos etc.

Ter opções de itens para mulheres não é só uma questão entre as torcedoras do clube. Toda vez que uma camisa nova é lançada, a mesma reclamação sobre o tamanho do decote vira assunto nas redes sociais. Além disso, as camisas não são pensadas para os diferentes corpos de torcedores.

Embora não tenha respondido à reportagem, o Botafogo realizou campanhas nas redes sociais e no estádio apoiando causas femininas. No Dia Internacional da Mulher, o clube, em parceria com a ONU Mulheres, lançou uma campanha pelo combate ao

feminicídio. Além disso, o clube ofereceu entrada gratuita para mulheres com a camisa do clube no jogo contra o Madureira, pelo Campeonato Carioca, realizado no Nilton Santos, no dia 11 de março. Desconto também no *tour* pela sede do clube em General Severiano e no *tour* do Estádio Nilton Santos. Pela primeira vez também, uma mulher seria locutora do estádio, a alvinegra Fernanda Maia.

No dia das mães, o clube fez nova parceria com a ONU Mulheres e tirou a estrela solitária do seu escudo para homenagear as mães que criam seus filhos sozinhas:



(Foto: Vitor Silva/Botafogo)

O Fluminense tem um departamento de responsabilidade social que, segundo o assessor do clube, cuida de ações ligadas ao combate contra machismo, racismo e homofobia. Enquanto algumas campanhas nascem na comunicação, outras vêm de instituições que procuram o clube com propostas de ações afirmativas. Recentemente uma campanha contra homofobia, criada no departamento de comunicação, teve bastante repercussão. A campanha #TimedeTodos surgiu após um vídeo do jogador Felipe Bastos, do Vasco, que proferiu insultos homofóbicos ao Fluminense após uma vitória do time cruzmaltino.

De acordo com o assessor Alexandre Mota, “o clube se posiciona sempre contra (preconceito), obviamente, mas o tipo de intensidade da resposta varia de acordo com a repercussão do caso – fazer muito barulho quando algo muito pequeno acontece pode ser contraproducente e até colocar a instituição como 'aproveitadora', por exemplo”.

O clube está aberto ao diálogo com torcedores e costuma acompanhar e tentar atender as demandas de seus adeptos através das redes. “Os torcedores costumam se manifestar bastante nas redes sociais e estamos sempre atentos ao que é dito; também é possível mandar e-mail ou ligar (e, às vezes, acontece), mas isso é mais raro. As redes são nossos canais mais rápidos e práticos de comunicação.”

Atualmente, Flamengo e Fluminense administram em conjunto o Maracanã. O tricolor se mostra aberto à possibilidade de promover campanhas contra assédio no estádio: “a administração do Maracanã – de forma oficial – é recente e existem ideias que podem ser implementadas, inclusive em parcerias. O clube já se manifestou no passado contra o assédio e pode voltar a fazer, já que o assunto é relevante e, infelizmente, ainda presente não apenas em estádios como no dia a dia. Com a parceria seguindo, pode ser que vejamos ações de responsabilidade social, inclusive em parceria com o Flamengo, em breve.”, disse.

O Vasco tem uma 2ª vice-presidente geral, e é o único clube do Rio com uma mulher nessa posição de poder. O cruzmaltino nunca teve uma mulher na sua gestão. Sônia Andrade é advogada de formação e por causa da sua atuação na área social fora de um clube, foi convidada a participar desta área no Vasco.

Sônia conta que trabalhava na Defensoria Pública do Rio de Janeiro quando foi perguntada por uma outra defensora se ela era vascaína e se gostaria de participar de uma ação social em São Januário. A partir dessa ação, ela começou sua trajetória política e o trabalho social no clube.

Em sua chegada a São Januário em 2006, ela recorda que mulheres não entravam no clube para entrevistar jogadores. Sônia conta que ficou assustada com os relatos e colocou como objetivo quebrar esse paradigma, trazendo de volta as jornalistas para que elas pudessem exercer o trabalho e entrevistar jogadores e dirigentes no clube.

A censura a jornalistas sempre foi uma característica de Eurico Miranda enquanto esteve à frente do Vasco. O mandatário proibia a entrada de veículos e profissionais da comunicação que faziam matérias criticando a sua gestão ou de quem ele simplesmente não gostasse.

O desejo da vice-presidente era criar uma cultura feminina no Vasco. Assim, nasceu o Vasco Delas. O evento já teve duas edições e reuniu torcedoras, uma delegada, uma advogada, uma parlamentar, uma jornalista (Vanessa Riche) e a psicóloga do clube Iara Costa Machado.

O primeiro encontro tratou de assuntos relacionados à mulher de uma forma geral. Algumas torcedoras que fazem movimento na arquibancada contra o assédio foram convidadas para as reuniões. Sônia explica que tentou reunir vários segmentos da sociedade e as torcedoras para discutir assédio e violência contra a mulher. Nesse encontro, ela queria que pelo menos duas mulheres de cada torcida organizada do clube estivessem presentes para dar o seu depoimento sobre o tema.

A partir destes debates e eventos, Sônia percebeu que a violência sofrida pelas mulheres dentro dos estádios não vem somente da arquibancada. A violência começa em casa, na rua. Ela chegou à conclusão que o seu trabalho seria combater a violência contra a mulher na sociedade. “Não adianta combater a violência aqui. Você tem que empoderar essas mulheres para que elas não sofram violência nenhuma no lugar que elas estão”.

O clube fez uma cartilha, com o apoio da psicóloga contra todas as violações de direito. Nessa cartilha, há explicação do que é assédio, abuso sexual, os tipos de violência que as mulheres podem sofrer e exemplos. Há também na cartilha instruções para que possam identificar a violência e como denunciar, incluindo informações dos órgãos competentes, uma breve explicação sobre a Lei Maria da Penha (LMP) e o telefone da central de atendimento à mulher.

Sancionada em 2006, a lei prevê punição para violência doméstica contra mulheres, seja ela física, sexual, psicológica ou patrimonial. A legislação leva o nome da farmacêutica Maria da Penha, que lutou por muitos anos pela condenação de seu ex-marido por tentativa de homicídio e agressão contra ela. Um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostra que a taxa de homicídio contra mulheres dentro das residências diminuiu 10% após a LMP.

Além desse trabalho de conscientização e canais de denúncia, o clube coloca o seu departamento Psicossocial à disposição das torcedoras que tiveram seus direitos violados seja por meio de assédio ou violência.

O departamento propõe um trabalho de psicologia social que lida com a relação entre indivíduo e meio social. Iara explica que os clubes de futebol trabalham a psicologia voltada para o alto rendimento dos atletas. O papel de um departamento de Psicossocial vai desde uma orientação até uma intervenção, dependendo do caso. O trabalho combina um acompanhamento de uma psicóloga e de uma assistente social. A ideia de realizar um trabalho profissional com funcionários e tratar de questões relacionadas à mulher foi uma ideia da própria vice-presidente. “Ela (Sônia) trouxe a questão do funcionário e a questão do assédio porque o mundo do futebol é um mundo machista. Você imagina a mulher que trabalha nesse meio durante anos?”, diz a psicóloga.

O objetivo da vice-presidente agora é criar um departamento de mulheres no clube. Fortalecer o futebol feminino, ajudar funcionárias que sofrem violência em casa e criar um canal onde mulheres possam denunciar assédio e violência são as principais metas deste novo setor no clube.

Para combater a violência em São Januário, o desejo de Sônia era criar uma delegacia da mulher dentro do estádio, mas a resposta que ela obteve da Polícia Civil é que não poderia abrir precedente para o Vasco porque teria que abrir para todos os jogos, e eles não têm efetivo suficiente para suprir esta demanda.

Um exemplo a ser seguido

O Bahia é o primeiro clube a ter um núcleo de políticas afirmativas. O tricolor baiano vem desenvolvendo um trabalho pioneiro no combate ao preconceito racial, homofobia e assédio sexual com campanhas de conscientização e ações efetivas que possam tornar o futebol um lugar sem preconceito. O grupo é formado por funcionários e alguns torcedores.

O clube tem uma parceria com a Polícia Militar da Bahia que faz a ronda Maria da Penha nos jogos na Fonte Nova. Um efetivo de policias mulheres trabalha dentro do estádio para garantir a segurança das torcedoras e prestar atendimento em caso de assédio ou violência.

Desde maio desse ano, existe um site chamado “Deixa ela torcer”. Nele, as torcedoras podem denunciar assédio que sofreram nas partidas. Recentemente, uma torcedora sofreu assédio em um jogo do tricolor e relatou o ocorrido nas redes sociais.

Prontamente, o Bahia disse que iria apurar o caso e prestaria apoio a torcedora. Nelson Barros, gerente de comunicação, afirma que as redes sociais do clube estão abertas aos torcedores e que a Ouvidoria também está à disposição. O clube está sempre buscando dar resposta às reclamações.

Além do convênio com a Polícia Militar, também há uma parceria com a Secretaria de Política para Mulheres que visa combater esse tipo de violência.

O papel das autoridades

No Rio de Janeiro, existe um núcleo da Polícia Militar que atua especificamente em eventos desportivos. O Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (GEPE) é responsável pela segurança dentro e fora do estádio de torcedores e profissionais. Além de garantir a integridade física dessas pessoas, o GEPE também faz uma revista para garantir que os torcedores não entrem no estádio como objetos perigosos. Nos estádios do Rio, a revista voltada para o público feminino é somente feita por policiais mulheres.

Em todo jogo de futebol é obrigatório um posto de atendimento do Juizado Especial do Torcedor e Grandes Eventos no estádio. O juizado fica de plantão antes, durante e após a partida. Ele é composto por um juiz de Direito, um promotor, um defensor público e um delegado de polícia.

Durante o jogo, o locutor anuncia a presença do juizado no telão do estádio. Para fazer uma denúncia o(a) torcedor(a) deve registrar um boletim de ocorrência com a polícia, que o encaminhará para um juiz. Este analisará o caso e vai tentar um acordo entre a vítima e o acusado. Se não houver conciliação, o caso é encaminhado para o Ministério Público.

O juizado especial cumpre as leis do Estatuto de Torcedor. Criado em 2003, o estatuto tem como objetivo garantir os direitos humanos e o direito do consumidor. Entre eles estão transparência na organização dos campeonatos, segurança do torcedor, cadastro de torcidas organizadas. Mas não há nenhum item que fale sobre assédio ou sobre a segurança das torcedoras mulheres.

Em abril de 2019, a senadora Leila Barros, do Partido Socialista Brasileiro (PSB-DF), deu entrada em um projeto de lei visando garantir maior segurança às mulheres nos estádios, sejam elas torcedoras, jornalistas ou árbitras. O PL 549/2019 “dá respaldo legal

para que os agressores sejam retirados desses ambientes de prática desportiva e dá segurança a todas as mulheres que frequentam os estádios. A ideia do projeto é que o Estado ampare legalmente todas as mulheres que forem vítimas de qualquer ação ou omissão, baseada no gênero, que lhes cause risco de morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico ou dano moral ou patrimonial”, explica a senadora.

As motivações para esse projeto foram a sua vivência como atleta e as denúncias que recebia no período em que trabalhou na Secretaria de Esportes do Distrito Federal. “Essas situações me motivaram a apresentar um projeto para, deixar claro nas leis, que as mulheres merecem e devem ser respeitadas em todos os lugares que frequentam”, explica.

Após o projeto ter sido apresentado na Comissão de Direitos Humanos, a parlamentar recebeu muitas mensagens de apoio de torcedoras. Ela acredita que é possível que ocorram audiências públicas e encontro com essas torcedoras para discutir o projeto e ouvir sugestões.

Além de garantir a segurança das mulheres no ambiente desportivo, o projeto também quer punição para cantos misóginos entoados em estádios. Atualmente, o Estatuto do Torcedor proíbe cartazes, bandeiras e cantos discriminatórios, racistas e xenófobos. A proposta visa incluir práticas e cantos de caráter misógino (de aversão a mulheres) neste item. O projeto está tramitando na Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado Federal. Até a conclusão desta reportagem, aguardava a designação de um relator.

O assédio e o machismo no futebol não são mais aceitos, e a indignação das mulheres se transformou em luta. Os casos envolvendo jornalistas e torcedoras uniram as mulheres e inspiraram grupos que buscam o seu espaço nas arquibancadas. Esses grupos ultrapassaram as barreiras do clubismo e estão de maneira coletiva tentando promover debates e pensar em ações efetivas que possam contribuir de alguma forma para que o estádio seja um espaço onde as mulheres se sintam confortáveis para assistirem a uma partida juntas ou sozinhas, se quiserem. Para que o medo de voltar para casa por conta do horário do jogo não impeça que elas parem de frequentar os jogos de seus times.

A luta das mulheres por respeito no futebol ganha um reforço quando os clubes se mostram abertos ao diálogo e se colocam à disposição para usar as ferramentas e a visibilidade que têm para ajuda-las.

Se antes as mulheres abaixavam a cabeça e não respondiam aos comportamentos e comentários machistas, hoje o jogo virou. Elas estão conquistando espaços antes dominados por homens e mudando a narrativa de que o futebol não é coisa de mulher. Afinal de contas, lugar de mulher é na arquibancada, nas redações e onde elas quiserem.

PARECER

Aos **17 de Julho de 2019**, reuniu-se no Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense a Banca Examinadora designada para avaliar o Projeto Experimental de **Anna Beatriz Lima da Silva**, matrícula UFF nº **214030143**, habilitação Jornalismo, sob o título "**A luta contra o machismo e assédio no futebol**".

Em sessão secreta, a Banca deliberou pela: aprovação () reprovação do(a) aluno(a), com a nota 9,0 (NOVE).

Niterói, 17 de Julho de 2019

Orientador(a):

NOME: MARCIA CASTILHO ASSINATURA: 

Banca:

NOME: Geisa Rodrigues ASSINATURA: 

NOME: LARISSA MORAIS ASSINATURA: 